

Feminista e vegana: gastropolíticas e convenções de gênero, sexualidade e espécie entre feministas jovens

Íris Nery do Carmo¹  0000-0001-9736-0034

¹Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, SP, Brasil. 13083-970 – scpgcsoc@unicamp.br



Resumo: O presente trabalho versa sobre o contexto que toma corpo a partir dos anos 2000, quando jovens emergem enquanto ativistas que afirmam demandas e identidades no interior do campo feminista brasileiro. Nesse processo, o artigo busca indagar a presença de práticas e narrativas acerca da alimentação estritamente vegetariana – veganismo – entre ativistas jovens, as quais aprofundam e ressignificam a estratégia de politização do privado. Por meio de abordagem qualitativa, investigaram-se os sentidos atribuídos a essa alimentação a partir da articulação dos marcadores de gênero, sexualidade, geração e espécie, explorando a reapropriação e enquadramentos produzidos a partir do slogan “o pessoal é político”.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Feminismo; Veganismo; Gastropolíticas

Feminist and Vegan: Gastropolitics and Conventions of Gender, Sexuality and Species among Young Feminists

Abstract: This paper addresses the context that surfaced in Brazil in the early 2000s, when young women emerged as collective subjects, claiming for their own identities and demands within the Brazilian feminist political field. With a qualitative approach, the purpose of this research aims to investigate the practices and narratives surrounding a strictly vegetarian diet (veganism) as enacted by these activists. Inquiring the meanings embedded in this activism upon the intersection of gender, sexuality, generation and species, it explores the reappropriation and deepening of the slogan “the personal is political”.

Keywords: Social Movements; Feminism; Veganism; Gastropolitics

Em termos descritivos, a pessoa *vegana* é definida como aquele sujeito que se abstém não apenas da ingestão da carne de animais (em geral se define assim o vegetariano), mas de quaisquer produtos oriundos de seus corpos, como leite, ovos e mel. Também é evitado o consumo de artigos em que tenha sido pressuposta a exploração desses corpos de outros modos, como o caso de cosméticos testados em animais, produtos de limpeza doméstica, corantes presentes em biscoitos e outros aditivos químicos em alimentos industrializados. O *veganismo* também abarca outros aspectos: no vestuário, há a interdição do couro e da lã; no entretenimento, o boicote a zoológicos, touradas, e circos com animais, e, por fim, há ainda o engajamento na luta pelo fim da vivisseção.¹

Nos últimos anos, observando determinadas redes de ativismo com as quais tenho contato, pude estranhar – no sentido antropológico do termo – um fenômeno que é expressão de processos contemporâneos de diferenciação no interior do multifacetado movimento feminista: a presença

¹ Doravante, como convenção para a escrita deste artigo, adoto o recurso gráfico do itálico a fim de marcar termos êmicos, isto é, provindos do trabalho de campo, e estrangeirismos. As aspas serão utilizadas para expressões êmicas mais extensas, conceitos e citações.

de discursos e práticas relativas ao *veganismo* inseridas em contexto de contestação de desigualdades de gênero.

O *blog* feminista mais acessado do país, de acordo com Vanessa PRATEANO (2012), o “Escreva, Lola, escreva”, desde 2009 tem publicado artigos abordando temas relacionados ao *veganismo*, e, no ano de 2011, Lola ARONOVICH publicou um *guest post* intitulado “Especismo deve ser tema das lutas das mulheres”, que ocupa a notável posição de 11º lugar no ranking dos *posts* mais lidos do ano de 2011. Neste, as autoras afirmam que “a opressão e a exploração dos animais tem muito a ver com a opressão das minorias humanas, como mulheres e negros” [sic], e advogam pela prática *vegana*.

Já no mês de julho de 2012 foi lançado no país o livro, de título emblemático, “A política sexual da carne: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina”, de autoria de Carol ADAMS (2012), após 12 anos desde o seu lançamento nos Estados Unidos. Na obra, conhecida por entender o vegetarianismo como uma demanda feminista, argumenta-se que o modo como vemos e nos alimentamos de animais mantém uma relação profunda com a cosmologia androcêntrica predominante nas sociedades ocidentais modernas e relaciona o consumo de carne a um ideal normativo de masculinidade.² O lançamento do livro no país rendeu a realização e publicação *online* de entrevista com a autora no também bastante acessado portal Blogueiras Feministas.³

Outro evento que contribuiu para o interesse que mobilizou esta investigação veio com a prisão de integrantes da banda punk feminista russa Pussy Riot, em agosto de 2012, na Rússia – acontecimento que tomou proporções internacionais naquele ano. Elas foram detidas por realizarem uma performance numa catedral em Moscou, durante a qual entoaram uma “oração” em paródia crítica à relação do estado russo com a igreja cristã e contra a intolerância religiosa. Juntamente às demonstrações de solidariedade à banda, teve início uma campanha para que a opção alimentar estritamente vegetariana das integrantes fosse respeitada e fosse fornecida alimentação adequada durante sua reclusão penal (Robert MACKEY, 2012).

É também relevante sublinhar a presença, pela primeira vez no ano de 2013, do simpósio temático “Desafios Atuais dos Ecofeminismos: aproximações entre o sexismo e o especismo” na décima edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero, o maior encontro de pesquisadores/as da área de gênero da América Latina.

O objeto desta investigação tomou forma a partir dessas observações iniciais. Durante o ano de 2012 foi realizada pesquisa de campo em seis eventos feministas nos quais foi produzida e servida alimentação *vegana*, realizados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, dando lugar à pesquisa de mestrado⁴ acerca das “gastropolíticas” feministas em funcionamento nesses espaços.⁵

Considerando que se trata de pessoas que viajam e se visitam com frequência no interior de um circuito informal de eventos, isso implicou uma etnografia móvel, realizada em diversos estados do país, acompanhando a circulação das ativistas. Assim, um evento levou ao outro, sem planejamento rígido fixado previamente.

Os eventos etnografados se mostraram interessantes à investigação e entraram no recorte do trabalho na medida em que abrigavam, dentro de um ideário político feminista, atividades em que a alimentação estava presente de forma muito marcada, seja através de *oficinas* de culinária, na própria venda, produção e distribuição de refeições, nas receitas compartilhadas nos *zines*, ou nos anúncios nos cartazes dos eventos etc.⁶

A partir de observações prévias, idas iniciais a campo e da minha própria experiência pessoal, percebi que, em determinados meios ativistas – jovens, sobretudo – ser feminista e adotar uma dieta *vegana* nem sempre consiste em uma fortuita ocasionalidade.

² Para uma leitura crítica do livro de Adams (2012), ver a resenha: CARMO, Íris Nery do; BONETTI, Alinne. “Políticas sexuais da carne”, *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 404-406, 2013.

³ Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2012/07/a-politica-sexual-da-carne/>. Acesso em 20/08/2013. Sobre o portal Blogueiras Feministas e dinâmicas feministas no contínuo *online-offline*, consultar FERREIRA, Carolina Branco de Castro. “Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 44, p. 199-228, 2015.

⁴ O presente artigo apresenta resultados de pesquisa em nível de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), entre os anos de 2011 e 2013, sob supervisão da Profa. Dra. Alinne Bonetti, e contou com apoio financeiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

⁵ Quais sejam: a 3ª edição do Liga Anti-Sexo (SP), o I EncontroADA (RJ), a 1ª edição do Festival Emancipar ou Emancipar Fest (SP), o I Lady festinha (SP), o lançamento do zine Sapatoons Queerdrinhos (SP) e a 3ª edição do Festival Vulva la Vida (BA). Para o recorte deste artigo em específico, farei menção a momentos do trabalho de campo relativos a três deles.

⁶ *Fanzines* ou *zines* são publicações em papel, geralmente compostas por colagens feitas à mão, de modo que textos ou desenhos são impressos, recortados e colados em folhas de papel, que são montadas numa determinada ordem e então fotocopiadas. O baixo custo e a facilidade de confeccionar um *zine* fizeram com que ele se tornasse um dos principais meios de expressão das ideias e da música punk (MAGALHÃES, 1993 *apud* CAMARGO, Michelle. *Lugares, pessoas e palavras: o estilo das minas do rock na cidade de São Paulo*. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas) – uma referência musical, política e estética constante entre as interlocutoras da pesquisa.

Sendo uma pesquisadora intimamente envolvida com o universo da pesquisa, minha relação com as interlocutoras foi mediada menos pela minha posição enquanto pesquisadora e mais pela minha identificação enquanto ativista. Essa posição liminar exigiu precauções de cunho ético, especialmente com relação ao anonimato e à publicação de dados provindos das observações de campo.

Foi o exercício de “estranhamento do familiar” (Gilberto VELHO, 1978), isto é, de práticas observadas no interior de subjetividades compartilhadas, que primeiro me apontou para tal cruzamento de gramáticas políticas, levando a indagar: quais são os sentidos engendrados e atribuídos a tal prática alimentar no interior de uma determinada cosmologia política? Estão sendo forjados novos sentidos – e novos sujeitos – para o feminismo (e para o vegetarianismo)?

Nesse sentido, a questão norteadora da pesquisa interroga como a alimentação à base de vegetais é construída como um signo político feminista, que, por sua vez, produz – e é produzido por – “convenções de gênero” particulares. Pelo termo entende-se “o conjunto de valores e ideais relativos ao imaginário sexual disponíveis na cultura e compartilhados, a partir dos quais os seres sociais pautam as suas ações e concepções de mundo”, cujas convenções e práticas estão abertas a reproduções, recriações e tensionamentos (Alinne BONETTI; Natália O. FONTOURA, 2009).

A partir da categoria analítica “gastropolítica” (Arjun APPADURAI, 1981), me propus a pensar o *veganismo* para além de uma interdição alimentar, buscando indagá-lo em seus aspectos produtivos, isto é: quais são os valores a ele atribuídos? Que tipo de corporalidade e estilos ele constrói? Que gastropolítica o engendra? Como o veganismo é encarnado nos discursos e práticas ativistas?

Segundo Arjun Appadurai (1981, p. 497), gastropolítica diz respeito a conflitos ou competições sobre recursos culturais ou econômicos específicos que emergem nas transações envolvendo a alimentação, entendida como um sistema semiótico. Para o autor, as gastropolíticas surgem precisamente

[...] quando a comida é manipulada de modo a levar mensagens entre os atores, embora eles possam compartilhar os significados fundamentais do sistema [...], [eles] estão envolvidos numa luta acerca de uma particular cadeia sintagmática dos eventos alimentares nos quais estão envolvidos.⁷

Já na visão de Arlene Voski AVAKIAN e Barbara HABER (2005), os aportes feministas acerca da alimentação têm tradicionalmente tomado dois enfoques, que se afastam da proposta aqui colocada: 1) os trabalhos sobre o tema frequentemente se limitam às desordens alimentares, como bulimia e anorexia; 2) estudos sobre o trabalho doméstico que veem o espaço da casa e a cozinha como marcador da “opressão patriarcal”. É interessante a proposta alternativa das autoras, a qual fundamenta o campo dos Feminist Food Studies: operações relacionadas à comida podem ser entendidas como um veículo para a expressão da agência, de modo que estudar a alimentação numa perspectiva feminista pode auxiliar na compreensão de como determinadas construções de gênero são reproduzidas, desafiadas e transformadas. Este aspecto revela a rentabilidade analítica deste estudo na medida em que lança um olhar pouco explorado sobre esta relação.

Por outro lado, no campo feminista, há um marco representado pelos anos 2000, quando no Brasil vemos surgir grupos e organizações formadas por jovens, não mais como indivíduos dentro do movimento feminista, mas como um ator coletivo cujo pertencimento geracional é um elemento aglutinador. Para além de plataformas políticas específicas já postas, como de negras, lésbicas e indígenas, nos anos 2000 outros sujeitos passam a reivindicar visibilidade, como é o caso das mulheres trans, “jovens feministas” e homens feministas (Karla Galvão ADRIÃO; Maria Juracy Filgueiras TONELLI; 2008; Michelle KEMPSON, 2015), conformando um cenário crescentemente polifônico onde coexistem diversas temporalidades feministas.

Ao invés de classificar esse momento pós-anos 2000 como uma “quarta onda”, como o fazem autoras como Magda Guadalupe dos SANTOS (2016), Michelle Kempson (2015) e Marlise MATOS (2014), estou de acordo com Sonia ALVAREZ (2014b), que opta por traçar o que chama de “múltiplas genealogias e o desenvolvimento rizomático” dos feminismos latino-americanos. Nesse contexto emergem expressões feministas jovens engajadas em modalidades ativistas menos institucionais, uma inflexão especialmente visível a partir da década de 2010 (ALVAREZ, 2014a).

A rede ativista interestadual, que é objeto da presente pesquisa, é caudatária de tais reconfigurações ativistas contemporâneas, as quais não consistem na substituição de atores políticos prévios, mas na sua coexistência, em relações contingentes de cooperação, disputa e negociação.

Em certos aspectos, essa dinâmica extrapola os limites do feminismo. Autores como Breno BRINGEL e Geoffrey PLEYERS (2015) observam que a reconfiguração tem uma de suas faces no maior descentramento dos sujeitos e das organizações. Isto é, além das mobilizações de massa

⁷ Tradução livre: “[...] when food is manipulated to carry messages between actors who, though they may share the fundamental meanings of the system [...], are engaged in a struggle over the particular syntagmatic chain of food events in which they are involved” (APPADURAI, 1981, p. 497).

passarem a ser menos controladas por organizações sociais e políticas, os principais atores – que até recentemente detinham quase com exclusividade o papel de formação e socialização política no Brasil, como sindicatos e partidos e determinados movimentos sociais, como o estudantil – estão sendo deslocados como instâncias que gozam de centralidade na socialização militante.⁸

Por conseguinte, há um diálogo íntimo com modalidades não institucionais de intervenção política que têm sido objeto de atenção, sobretudo a partir das mobilizações que tomaram as grandes capitais do país desde junho de 2013, e que suscitaram inúmeras questões referentes à ausência de dirigentes e lideranças formais.⁹ Entretanto, é preciso ponderar ao tomar o ano de 2013 como um marco temporal, pois manifestações igualmente significativas à conformação desse arcabouço ativista, como a Marcha das Vadias e mesmo os eventos aqui tratados, datam de período anterior.

Não obstante, não existe homogeneidade no chamado “feminismo jovem”. Há clivagens em termos de relação com partidos políticos, com o Estado, com os âmbitos formal e informal. Além disso, o pertencimento a determinado grupo etário nem sempre é acompanhado pela assunção da juventude em termos de identidade política (“jovens feministas”). Ainda, é necessário ter cautela a fim de não polarizar a análise entre, de um lado, “jovens criativas”, e, de outro, “velhas obsoletas” – nesse sentido, a dimensão relacional da noção de “campo discursivo de ação” cunhada por Alvarez (2014a) é valiosa.

1 A baderna feminista

Os eventos em que parte significativa da observação participante foi realizada acontecem principalmente em grandes cidades do país, e representam pontos nodais em um circuito ativista jovem que é móvel e informal. Eles acontecem em locais públicos, como bibliotecas e universidades, e centros de cultura anarquista, assim como em estabelecimentos comerciais de entretenimento e casas de show. E seguem uma espécie de roteiro: os eventos começam durante o dia, com debates e oficinas, e terminam à noite, com shows de rock, punk, funk ou rap. Nos intervalos, há uma intensa circulação pelas *banquinhas* que vendem comida *vegana* a preços baixos, assim como a troca e venda de *fanzines* e outros itens. A divulgação dos eventos acontece principalmente por listas de e-mails e redes sociais – não só mediante o site Facebook, mas também por outras plataformas consideradas mais seguras e em consonância com a almejada *autonomia*.

Essas atividades são organizadas por *coletivos*, um termo nativo recorrente e organizativo do campo. Entre as ativistas da rede pesquisada, é uma categoria que diz respeito aos agrupamentos cujas integrantes mantêm relações de afinidade e amizade entre si; são arranjos instáveis e contingentes, de número cambiável de integrantes. Há, portanto, uma “política do afeto” sobre a qual os coletivos se apoiam, e que, por sua vez, de certo modo explica a vida curta de muitos coletivos e a efemeridade dessas agrupações, que se fazem e refazem conforme as relações de afeto são remodeladas dentro de um campo bastante conflitivo.¹⁰ A despeito das assunções evocadas pelo termo, há coletivos compostos por duas ou até mesmo uma pessoa – revelando que, mais do que uma substância, o coletivo opera como um valor.

Esses eventos, além de representarem momento de discussão política sobre temas em um amplo leque, como *autonomia* e *horizontalidade*, tecnologia e *mídia livre*, anarquismo, *pornografia feminista*, alimentação, entre outros, são também locais de sociabilidade, onde há o flerte, a paquera e a formação de novos contatos e amizades. É, por conseguinte, um quadro que

⁸ Para o caso do movimento estudantil, ver ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. “June demonstrations in Brazil: repertoires of contention and government’s response to protest”. In: ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. From Contention to Social Change: rethinking the consequences of social movements and cycles of protests. ESA RESEARCH NETWORK ON SOCIAL MOVEMENTS CONFERENCE, Madrid, Universidad Complutense de Madrid. *Anais...*, 2015.

⁹ Por exemplo, Carlos Vainer (2013) nota que as manifestações que alteraram o cotidiano das cidades brasileiras em junho de 2013 tomaram “de surpresa” governantes, políticos de todos os partidos, imprensa, cronistas políticos e mesmo cientistas sociais (VAINER, Carlos. “Quando a cidade vai às ruas”. In: MARICATO, Erminia *et al.* (org.). *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 35-40). Também para Raquel Rolnik (2013), esses movimentos, ao propor formas horizontais de decisão, sem personificação de lideranças e sem comando de partidos políticos e comitês centrais, geraram parte da “surpresa” encontrada nas ruas: “onde estão as bandeiras e os carros de som com os megafones? Quem são os líderes? Quem manda?” (ROLNIK, Raquel. “Apresentação – As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações”. In: MARICATO, Erminia *et al.* (org.). *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 12).

¹⁰ Como pontua Dupuis-Déri em sua pesquisa entre praticantes da tática Black Bloc, a centralidade das relações de afinidade não significa a ausência de “jogos de poder baseados em carisma, experiência e habilidades de membros individuais ou em seus recursos simbólicos, culturais e econômicos” (DUPUIS-DÉRI, Francis. *Black Blocs*. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014. p. 65). Dentro do feminismo há diversas críticas internas que complexificam a noção de horizontalidade, tal como o texto notável de Jo FREEMAN, “The tyranny of Structurelessness” [1970], cuja tradução é possível de ser encontrada hoje em formato de fanzine em alguns eventos de cunho feminista e anarquista no Brasil (FREEMAN, Jo. “A tirania das organizações sem estrutura, 1970. Disponível em <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/21tirania.htm>. Acesso em 13/11/2016). Essas considerações ajudam a matizar a noção de sororidade tal qual posta em ação no universo pesquisado.

torna bastante difícil, senão impossível, traçar uma linha divisória de onde terminariam o ativismo e a política, e onde começariam a diversão e a sociabilidade. As duas dimensões são igualmente constituintes da rede e estão mutuamente imbricadas na construção desses sujeitos.

A estrutura que organiza a programação dos eventos revela que eles não possuem um caráter deliberativo: as atividades não são necessariamente concatenadas e não há assembleias finais voltadas à votação de propostas, por exemplo. Assim, os eventos encerram objetivos imediatos, principalmente por meio das *oficinas*, que constituem uma peça-chave em tal contexto, quando temas e práticas cotidianas são postas em discussão, tendo como efeito a apropriação de saberes tradicionalmente masculinos – como as *oficinas* de instrumentos musicais, as *oficinas* de concertos e eletricidade – ou a ressignificação de atividades consideradas femininas, como as *oficinas* de *bordado subversivo* e de *culinária vegana*, por exemplo.

O evento em que iniciei a minha pesquisa se chamava Festival Vulva la Vida (FVLV), no qual eu também fazia parte da organização. Ele aconteceu na cidade de Salvador (BA), entre os anos de 2011 e 2013, e foi o principal meio pelo qual pude estabelecer contatos que me levariam aos demais eventos que posteriormente conformaram o universo empírico da pesquisa. Como nos demais eventos, no FVLV não havia uma divisão de trabalho especializada, isto é, não havia uma divisão entre quem organizava, agendava show, limpava o espaço ou promovia debates. As funções eram colaborativas e livremente assumidas.¹¹

Essa rotatividade é também geográfica. Embora os eventos em si aconteçam nos limites de uma localidade física específica, eu não era a única saindo do lugar no qual residio em direção a outras cidades: alguns rostos se repetiam, seja em Salvador, São Paulo ou no estado do Rio de Janeiro.¹² Esse trânsito envolve a presença de contatos na cidade de destino, *hospedagens solidárias*, e conversas prévias, geralmente feitas mediante o uso da internet. São aspectos que indicam a formação de redes que extrapolam as cidades e estados, e pelas quais circulam pessoas, divulgação de eventos, textos, *zines*, receitas e outros. Indicam também o modo como a relação entre espaço e tempo é compreendida.

Mas a circularidade também pode sinalizar um pertencimento de classe específico, dado os custos implicados nas viagens, o acesso à internet e mesmo a possibilidade de fugir da rotina por alguns dias. Também o nível de escolaridade – a maioria possui ou está cursando um curso de graduação – e as referências à língua inglesa evidenciam o pertencimento às camadas médias urbanas. Ademais, é de valia notar o menor peso da temática racial nesses eventos, o que pode sinalizar a invisibilidade da branquitude enquanto categoria não marcada.¹³

Outro evento também com caráter de festival foi realizado na cidade de São Paulo, no ano de 2012. Chamado de Lady festinha (LF), ele se apresentava como “um evento dedicado à baderna feminista” – uma expressão que, positivando o termo “baderna”, denota a inseparabilidade do prazer e do fazer político que caracteriza o repertório emocional dessas atividades. Assim, chama atenção o uso do humor no formato do deboche e da chacota que evidencia a relação crítica com a respeitabilidade e o âmbito entendido como institucional.

O nome do evento é uma referência explícita ao Ladyfest, um festival que aconteceu pela primeira vez na cidade estadunidense de Olympia (Washington/DC), em 2000, a qual é também conhecida como uma espécie de “berço” do movimento *riot grrrl* quando, nos anos 1990, garotas jovens iniciaram uma *girl riot*, que consistia “em denunciar tanto a falta de validação das experiências femininas na sociedade quanto o sexismo presente no movimento punk [...]” (SCHILT, 2003, p. 1 *apud* Michelle CAMARGO, 2008).

Outro evento cujo nome faz uso do humor é a Liga Juvenil Anti-Sexo (LJAS), que se apresenta como “um evento com palestras, bandas, oficinas, comida vegan, ação direta e qualquer outra manifestação direcionada aos temas de gênero, sexualidade, feminismo, saúde de nossos corpos, pornografia, queer”.¹⁴ Segundo o próprio evento, o nome do mesmo é uma referência ao livro “1984”, de autoria de George Orwell, no qual

¹¹ O Festival Vulva la Vida (FVLV), ocorrido em três edições anuais na cidade de Salvador entre 2011 e 2013, é mencionado em trabalhos recentes sobre “feminismos jovens” (CARMO, Íris do. “Viva o feminismo vegano!”: *gastropolítica e convenções de gênero, sexualidade e espécie entre feministas jovens*. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade e Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2013); ALVAREZ, 2014a; GONÇALVES, Eliane; FREITAS, Fátima; OLIVEIRA, Elismênia. “Das idades transitórias: as ‘jovens’ no feminismo brasileiro contemporâneo, suas ações e seus dilemas”. *Revista Feminismos*, v. 1, n. 3, set./dez. 2013; RIBEIRO, Jéssika; COSTA, Jussara; SANTIAGO, Idalina. “Um jeito diferente e ‘novo’ de ser feminista: em cena, o Riot Grrrl”. *Revista Artemis*, v. 13, p. 222-240, jan./jul. 2012).

¹² A alimentação tem sido tematizada no Brasil por outros setores do movimento feminista e de mulheres, tal como organizações de mulheres trabalhadoras do campo, as quais colocam em questão o próprio modelo de produção agrária. A pauta por reforma agrária, por exemplo, não figura com força entre as interlocutoras desta pesquisa – o que sinaliza para 1) a produção de convenções e ideários ligados à vida urbana e centrados em algumas capitais no país; 2) o indivíduo como ponto de partida de um ativismo voltado à politização do cotidiano.

¹³ Questões de classe e raça são tensionadores presentes com frequência nos debates, atuando também na produção de exclusões – como será discutido na próxima seção, ao abordar a prática do chamado YoMango.

¹⁴ Disponível em http://cultiveresistencia.org/?page_id=12. Acesso em 8/03/2013.

a personagem Júlia tem uma vida dividida entre dois papéis, sendo um a de membro ativo de um grupo chamado Liga Juvenil Anti-Sexo, que promove o controle de um estado ditatorial que se ramifica inclusive sobre a sexualidade de seus cidadãos – qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência. Seu segundo papel é de amante promíscua, rebelde e corruptora desse sistema. É assim, uma inspiração para todxs xs descontentes com os rígidos papéis e dualidades que nos imputam desde que nascemos. Não importa o quanto tenhamos que nos submeter aos padrões e normas do dia a dia, é importante alimentar a chama que corrompe esse sistema para que ela escape pela primeira fresta que surgir para consumir toda sua estrutura (Thales SOUZEDO, [s.d.]).

O uso da letra “x” no lugar da vogal que faz a flexão de gênero pode ser visto como forma de fugir do universal masculino, refletindo ao mesmo tempo um feminismo que não tem a “mulher” como seu sujeito estável e, a priori, – sendo recorrente a utilização, na linguagem escrita (muito comum nos zines, por exemplo), das letras “i” ou “x” ou ainda “@”. É também um modo de reatualizar o debate sobre o sujeito legítimo do movimento feminista, que se apresenta agora em novos termos, reservando ao *homem cisgênero* a posição de exterior constitutivo.¹⁵

Durante palestra sobre “saúde subversiva” no LJAS em 2012 na cidade de São Paulo, no bairro da Lapa, no momento de intervenções aberto ao público, uma mulher visivelmente mais velha e certamente não pertencente à rede ativista indagou “aqui pode usar palavrão, né?”, asseverando posteriormente a sua indignação com relação ao tema então debatido – a indústria farmacêutica. Como podemos entrever na sua fala, aquele ambiente – da *baderna feminista* – é visto como potencialmente mais permissivo, possivelmente em função da informalidade que marca a estrutura dessas atividades.

Inserida nas tensões em torno dos entendimentos nativos acerca do fazer político, *baderna* é também uma importante categoria acusatória, mobilizada seja por órgãos repressivos (quando acionados, por exemplo, pela vizinhança dos eventos), seja por militantes mais velhas, com experiência anterior no campo feminista, segundo as quais haveria uma falta de seriedade ou de eficácia em certos ativismos protagonizados por jovens, cujo caráter político é posto em questão.

2 Comensalidade

Ao longo do trabalho de campo, me dei conta de que a observação participante implicava, entre outras coisas, comer e, às vezes, cozinhar. Implicava igualmente tomar nota de receitas, ou mesmo ser solicitada a disponibilizá-las. Participar ativamente daqueles eventos, ou, nos termos de Jeanne FAVRET-SAADA (2005), “afetar-se” – conhecer os aspectos involuntários e não verbais da experiência humana –, incluía a experiência gustativa como um desses aspectos aos quais a autora defende que devemos atribuir estatuto epistemológico.

Com algumas exceções, essa alimentação era quase sempre composta tendo como premissa a interdição de ingredientes de origem animal. Todavia, ela não corresponde a qualquer alimento composto por vegetais. A constituição do edível passa pelo sabor, pelo preço, pelo significado, pelo modo como foram produzidos, entre outros aspectos a serem explorados aqui.

Nos dados de campo, a comida ocupa um lugar notório, que foge à posição de suporte ou acessório, como vemos, por exemplo, na programação dos eventos. Como já pontuado, um deles se apresentava da seguinte forma em seu *blog*:

Dias 4, 5, 6 e 7 de abril serão os dias do evento. Muitas atividades: palestras, debates, bandas, oficinas, comida vegan, amigxs, confraternização, trocas, conversas, encontros e muitas coisas que estamos construindo juntxs. Serão dias muito especiais para nós e para muitas pessoas que estarão no evento ajudando, compartilhando e debatendo. Estamos ansiosos!!¹⁶

“Palestras, debates, bandas, oficinas, comida vegan, amigxs, confraternização, trocas, conversas, encontros”: *comida vegan* aparece listada ao lado de *oficinas* e *bandas* – elementos-chave que compõem a gramática política dos eventos. Ela é uma das “atividades” e não apenas uma forma de alimentar as pessoas para que se mantenham presentes no evento. Antes, é entendida como parte da práxis e, enquanto tal, faz parte da programação, tendo tanto peso, ou, na prática, quase tanto peso, quanto demais atividades. Os momentos de partilha da refeição significam participação política.

Em todos os eventos a comida disponível – refeições ou lanches rápidos – não era industrializada. Ela era feita por pessoas que estavam nos eventos, e, em geral, estavam lá presentes não só vendendo seus “produtos”, mas também participando de outras formas, tocando com suas bandas ou ministrando atividades. Lanches eram adquiridos nas *banquinhas* e refeições do tipo “PF” (prato feito) eram preparadas na hora em balcão ou cozinha ou, ainda, eram entregues como *delivery*.

¹⁵ No léxico nativo, o termo *cisgênero* faz menção a pessoas que foram identificadas como homem ao nascer e que seguem se percebendo e sendo percebidos enquanto tal.

¹⁶ Disponível em <http://cultiveresistencia.org/?p=390>. Acesso em 28/07/2013.

Dito isto, é oportuno referenciar a pesquisa de Dylan CLARK (2004) sobre o que ele chamou de “punk cuisine” e “punk veganism” que, conforme será demonstrado, estão intimamente ligados à concepção de *veganismo* em ação nos eventos, os quais têm o *punk* como uma notável referência musical e política.

O autor conta que foi na década de noventa do século passado que o *veganismo* tomou conta da paisagem punk norte-americana, num movimento liderado pelos *punks straight edge*,¹⁷ e acabou ganhando crédito mesmo entre punks que desprezavam a política *straight edge* de abstinência de drogas, como a maioria no grupo por ele estudado. Clark fez pesquisa etnográfica em um café entre os anos de 1993 e 1998, na cidade de Seattle (Estados Unidos), chamado Black Cat – um café de propriedade de punks e frequentado por punks, no qual eram servidos apenas alimentos veganos. Nele, punks endossavam o *punk veganism* e argumentavam que comer produtos de origem animal era não só não saudável como também participava da *escravidão* e *assassinato* de animais – construção que está na base desse “veganismo punk” (CLARK, 2004).

A partir de tal pesquisa, ele chegou a um conjunto de regras e preceitos que definiria o que chamou de *punk cuisine*. Clark parte das ideias de Claude Lévi-Strauss (1964, 1966 *apud* CLARK, 2004) sobre o papel da atividade culinária na produção da cultura: para o autor, mediante o fogo da cozinha se dá a passagem da natureza, representada pelo universo do cru (*raw*), à cultura, representada pelo universo do cozido (*cooked*). Paralelamente, Clark propõe que no “triângulo culinário punk”, a *punk cuisine* é definida pelo *raw* e o *rotten*, se afastando do estado cozido (*cooked*).

Frente aos alimentos industrializados que, ao serem empacotados, refinados, processados, exportados e vendidos como mercadorias, perdem o aspecto de um produto do trabalho humano, se tornando um fetiche, a comida punk é idealmente: (1) “crua” (*raw*), isto é, é adquirida a granel fora das grandes corporações, diretamente das mãos de produtores; é feita ou tem seus ingredientes plantados em casa; ou ela é (2) “estragada” (*rotten*), o que corresponde a dizer que ela foi resgatada do lixo (*dumpsterea*) ou furtada. São resgatados do lixo aqueles produtos descartados por grandes supermercados, pois tidos como não aptos para o consumo em função da data de validade expirada, aparência danificada, embalagem amassada ou porque foram feitos no dia anterior. A comida furtada ou retirada do lixo de grandes redes de supermercados é entendida como então liberta das qualidades alienantes, ela é desmercantilizada (*de-commodified*), retornando ao seu valor de uso – e, por isso, trata-se de dois atos entendidos como políticos.

No trabalho de campo realizado nos eventos entre as *vegan*s, a aquisição da comida era, na maioria das vezes, feita diretamente com quem produziu, sendo as “cozinheiras *vegan*s” uma referência constante e prestigiada. Nas banquinhas, era de praxe encontrar lanches à venda, sempre bastante procurados e com preço médio de cinco reais. Havia hambúrgueres (de soja, de grão de bico), alfajores (de coco, cereja ou chocolate), bolos, tortas, coxinhas, empanadas.

A produção podia ser independente, ou organizada sob a forma de *cooperativas*. Uma das *cooperativas* presentes no LJAS se descreve da seguinte forma:

Fazemos parte de uma cooperativa de alimentação, que, entre outras coisas, faz salgados, hambúrgueres, bolos e sobremesas *vegan*as. Essa é nossa forma de tentar auxiliar os *vegan*os [...] a encontrar boas guloseimas sem precisar recorrer a grandes empresas. Por isso, tentamos reduzir ao máximo os produtos industrializados e empacotados que compramos, fazendo comidas caseiras, sem conservantes e aditivos bizarros. Além disso, é nossa tentativa de achar uma forma de sustento em que acreditemos, em vez de se entregar a patrões e carteiras de trabalho, a empregos que em nada acrescentem a nossa vida (a não ser no salário no fim do mês).

Nesses dois aspectos, não queremos parar por aí. Nossa intenção com oficinas, materiais, conversas é incentivar que outras pessoas não apenas se tornem *vegan*as, como criem tempo para preparar, e se possível plantar, seus alimentos, tomem coragem pra encontrar formas mais divertidas de se sustentar, e precisar de menos para isso também, adotando formas de vida mais simples e autônomas [sic] (ZINE TOUR 2011, 2011).

O trecho expõe que as *cooperativas* estão inseridas na lógica do princípio da *autonomia*. Têm por objetivo a popularização de um *veganismo* particular: aquele idealmente baseado na comida caseira, com ingredientes cultivados em casa, não industrializados e que requer certo tempo para o preparo. Como visto acima, a relação não mediada com a comida é um dos preceitos básicos da “*punk cuisine*” e também prezada pelas *cooperativas*, que buscam fazer a mediação direta. O termo também denota relações de trabalho que se pretendem horizontais e constituem uma forma de “sustento” que tem um propósito político, em oposição aos empregos que “nada acrescentam”.

Ademais, o trabalho *cooperativado* pode exprimir a cooperação entre mulheres, dotando a *punk cuisine* de um entendimento feminista. Em oficina de culinária *vegana*, uma das minhas

¹⁷ Surgido na década de 1980, o *Straight Edge* é uma vertente associada ao punk e ao hardcore, que defende a abstinência de tabaco, álcool e das chamadas drogas ilícitas.

interlocutoras falou sobre o surgimento da cooperativa da qual ela fazia parte e que forneceu refeição para participantes durante o Festival Vulva la Vida.

Seu nome é Sista K, tem 26 anos, se apresenta como não branca e criada na periferia de Salvador (BA). Enquanto higienizava folhas, tomates e cenouras para dar início então ao preparo da receita de maionese caseira, contou que se tornou vegetariana aos quinze anos, por causa da consciência do *especismo*. Foi então que começou a cozinhar regularmente, e que, junto com amigas, começou a levar lanches para vender em shows *punks*. Com o sucesso dos lanches, elas começaram uma cooperativa com o objetivo de ampliar as vendas, e ao mesmo tempo de reforçar a “ideia política de cooperação entre mulheres”¹⁸ (Diário de campo, 02 de setembro de 2012).

3 A arte da sabotagem

Ao lado das cooperativas e rituais de comensalidade, termos como o *YoMango* e o *Freeganismo* aludem a práticas que também compõem o arcabouço do chamado *veganismo popular* entre as interlocutoras desta pesquisa. Informando sobre as regras implicadas na aquisição da comida, a prática do *YoMango* (também referida pelos verbos *mangar* ou *mangear*) lida com a comida – mas também outros tipos de produtos – que é industrializada e está disponível para consumo nas prateleiras de supermercados. Se, na lógica das relações não mediadas, essa comida que Clark nomeou de *rotten food* é interdita, por meio da “expropriação” e da “desobediência civil”, ela é ressignificada e positivada.

Uma das oficinas que presenciei durante o trabalho de campo se chamava “Queens of Yomango”. Sua descrição enunciava:

[...] É comum no “meio libertário” a prática do Yomango, que nada mais é do que a expropriação de mercadorias dispostas em grandes empresas com ou sem uma conotação política direta e explícita. Yomango é uma gíria espanhola que significa “eu roubo”, e visa estimular a desobediência civil.

Entendemos que o feminismo além de ser uma posição política e uma forma de (sobre)viver é uma prática de desobediência civil, por desafiar, questionar e transgredir o *status quo*, que é a base da exploração econômica e social em que estamos inseridos/vivemos.

Se o feminismo é um esporte de combate, nos propomos a pensar sobre feminismo e Yomango: como fazer? por que fazer? além de pensar nas características tradicionalmente atribuídas às mulheres – calma, discrição, sedução, submissão – e em como elas podem ser utilizadas para essa divertida prática de sabotagem contra o capital que é a arte de mangar/mangear. Nesse sentido, também falaremos da relação entre segurança e cidade, para a arte de mangear.

Além do bate-papo, focaremos sobre dicas e truques das trukêras e pretendemos propor às participantes um rolê para mangar. E no final do rolê faremos um desfile, apresentação, compartilhamento e trocas dos itens adquiridos e um lanchinho vegano e mangeadado [...] [sic].¹⁹

O primeiro preceito ético para *mangar* é: apenas praticá-lo nas grandes redes de comércio. As dicas foram apresentadas em blocos referentes aos lugares para mangar: primeiro, as lojas de departamento, em seguida, os supermercados e, por fim, as livrarias.

Durante a *oficina*, as participantes mostraram familiaridade com a prática e algumas faziam anotações. Na seção referente aos supermercados, as dicas das *oficineiras* foram complementadas quando outras garotas compartilharam as suas experiências, e citaram os pratos que preparavam com produtos *mangados*. Houve diversas falas no sentido de pensar as técnicas que garantiriam o máximo de eficácia no contexto dos grandes supermercados.

Afirmou-se que esta sabotagem teria duplo caráter – econômico e de gênero, pois a arte de *mangar* subverteria as expectativas de gênero, ao se valer de uma imagem convencionalmente associada às mulheres. No entanto, na segunda metade da oficina se deu um intenso debate sobre os limites do *YoMango*. Algumas participantes, embora assumissem a prática, defenderam que o problema estaria na própria noção de consumo, e *mangar* seria uma forma de consumir, mesmo que indireta e ilegal. Por isso, uma estratégia política mais coerente estaria na troca de itens entre círculos de afinidades, ou no conceito de “descompra”.

De forma contundente, outros argumentos problematizaram a identidade racial de quem pratica o *YoMango*: atingir o objetivo final do *mangar*, praticar a “expropriação” de mercadorias sem ser interpelada por seguranças; seria um *privilegio* de pessoas brancas – evidenciando que as citadas “características tradicionalmente atribuídas às mulheres”, como “calma, discrição, sedução, submissão” não são universalmente atribuídas a todas. Quem pode, nesses moldes, praticar individualmente a *desobediência civil*? O debate que se seguiu expôs as diferenças, desigualdades e exclusões que atravessam as ativistas.

¹⁸ A *sororidade*, enquanto um ideal de solidariedade entre iguais, será complexificada adiante.

¹⁹ Por questões éticas, optou-se por não tornar públicas demais informações sobre a fonte do texto.

Sendo parte de um ativismo voltado à politização do cotidiano, o *YoMango* pode ser classificado como um tipo de ação prefigurativa (Luke YATES, 2015), isto é, que busca antecipar e instaurar no aqui e agora o que seriam os objetivos últimos do ativismo. Enquanto tal, carrega efeitos excludentes, especialmente em termos raciais, considerando o racismo estrutural que recai sobre o sistema brasileiro judicial e de segurança pública.

4 Gênero, sexualidade e performance culinária

De volta ao Lady festinha (LF), na sua programação figurava o *churras vegano* – não como algo à parte ou paralelo, mas como integrante da *baderna feminista*. A divulgação anunciava:

- 13:00 Churrasco vegano (contribuição de \$2 para o churras)
- 14:00 Oficina de bordado subversivo
- 15:00 Roda de conversa com as meninas do Machismo Nosso de Cada Dia
- 17:00 Oficina de produção cultural
- 18:00 “Vâmo montar uma banda?”
- 19:00 Exibição do documentário *From the Back of the Room*
- 20:00 Shows La Chatte, Samba de Dandara e MC Luana Hansen.²⁰

No centro da cidade de São Paulo, na calçada, a churrasqueira chamava atenção de pessoas que, caminhando na rua, diminuavam o passo e viravam o rosto para ver o que acontecia ali. Tal surpresa dos/as transeuntes pode ser entendida se levarmos em consideração a tradição do churrasco e as representações correntes acerca desse fazer culinário, as quais interpelam os sentidos atribuídos ao *churras vegano*.

Tradicionalmente, o churrasco é uma atividade conjugada no masculino, seguindo rígidas prescrições de gênero. Em etnografia sobre a “performance culinária masculina” na Argentina, Jeffrey TOBIN (1999) notou que, para seus interlocutores – homens portenhos heterossexuais de classe média – um churrasco feito por uma mulher não é um churrasco “de verdade”; são os homens os detentores dos “segredos do churrasco” ou da “arte do churrasco”. Embora o churrasco seja um prato simples, cujos ingredientes são carne e sal, e os únicos utensílios uma grelha e uma faca, entre os argentinos eram frequentes debates apaixonados acerca de detalhes minuciosos – como a disposição do fogo, o tempo de cozimento, a construção da churrasqueira, seleção de madeira própria para a lenha, quando salgar a carne, como e onde comprá-la, o método adequado de lascas a madeira, e a forma de pôr a carne sobre a grelha (Idem).

Ora, tal como nos demais eventos, no LF pessoas do sexo masculino eram minoria absoluta, e aqueles que estavam presentes definitivamente não definham uma posição de destaque frente ao churrasco nem nas demais atividades. Ao invés da carne, foram preparados quarenta espetos de madeira compostos com pedaços intercalados de berinjela, tomate, cebola, pimentão e abóbora que foram assados mediante um *know-how* incerto, baseado em tentativas de erro e acerto, sem que houvesse um conhecimento prévio e acumulado sobre o churrasco.

O *churrasco vegano* aconteceu na calçada, na frente da entrada para o espaço que sediou o evento no centro de São Paulo. Foi a primeira atividade da programação do LF, e aglutinou participantes em pé, em torno da churrasqueira. Contrariando a expertise prezada pelos portenhos na sua performance culinária, o churrasco vegano teve um caráter experimental.

Eu cheguei para o evento junto com amigas envolvidas na organização. Elas montaram a churrasqueira portátil na calçada do estabelecimento que sediará o LF, com a intenção de compartilhar o churrasco com as participantes do evento. De repente, alguém lembrou que faltava algo para acender o carvão, e comprou um isqueiro na banca de revistas ao lado. Enquanto isso, pessoas passavam e, com algum espanto, faziam comentários elogiosos (talvez ao perceber as cores dos vegetais nos espetos). O espaço ainda estava de portas fechadas, e fiquei segurando um dos refratários cheios de espetinhos coloridos, enquanto as outras tentavam acender o carvão, que apresentava resistência para pegar fogo após ter sido umedecido com álcool.

Passados cerca de quarenta minutos, os/as proprietários do espaço cultural chegaram, e o carvão ainda não tinha brasa para assar os espetos, soltando fumaça. A minha amiga e organizadora seguia tentando fazer com que o fogo “pegasse” no carvão. Já havia cerca de 10 pessoas aglutinadas em torno da churrasqueira, aguardando para comer. Vendo a dificuldade com relação ao carvão, perguntei se alguém mais sabia como “fazer churrasco”, e a resposta foi negativa.

Como que incitada pela minha pergunta e pelas respostas negativas, outra amiga comentou criticamente que churrasco era uma atividade de homens. Ironicamente, minutos depois, um senhor de meia idade e desconhecido, que passava pela calçada no momento nos observando

²⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/events/389502931118788/>. Acesso em 15/08/2013.

– um grupo de jovens mulheres em volta de uma churrasqueira –, parou em frente à mesma e, com assertividade, deu instruções de como proceder com o carvão aceso: para ter eficácia com as brasas e fazer um bom churrasco, o correto a fazer seria colocar um pão seco e guardanapos, e então atear fogo.

Não houve qualquer esforço em seguir o “conselho” ofertado. Algum momento depois, ainda naquele círculo em torno da churrasqueira, ouvi uma piada que revelava parte dos sentidos atribuídos ao *churras* tal qual elaborados naquela situação: em tom de ironia, foi afirmado que a “lesbianidade” do grupo estava ameaçada, visto a dificuldade em fazer o churrasco acontecer (“vão duvidar da nossa lesbianidade, né?”). Os espetos foram servidos com uma hora de atraso (Diário de campo, 01 de dezembro de 2012).

No ritual convencional do churrasco, cabe às mulheres o preparo da salada que é servida como acompanhamento. No Lady festinha, os legumes e as verduras foram deslocados para a atração principal em um espaço público. A falta de um roteiro rígido, minucioso e preestabelecido acerca de como proceder de forma “eficaz”, somado à inexistência de uma figura masculina como regente do churrasco, podem ser elencadas às motivações que levaram ao “conselho” do transeunte.²¹

De acordo com a piada, a assunção de certa *lesbianidade* estaria em jogo em função do manejo “atrapalhado” dos elementos que compõem o ritual (frequentemente masculino) do churrasco. Para além de uma correlação automática entre práticas afetivo-sexuais e identidades, a fala sarcástica da minha amiga anunciava a associação da *lesbianidade* com certos comportamentos convencionalmente tidos como masculinos e com uma postura de deboche frente a expectativas de gênero. Nesse sentido, o *churras* pode ser visto como forma de agenciar visibilidade. O uso positivado de *sapatão* enquanto autoidentificação é igualmente parte desse repertório.²²

Ademais, os rituais de comensalidade são notadamente conhecidos como mecanismos para a consolidação de solidariedade grupal: durante o “tempo da comida” há conversas nas quais as experiências individuais podem ser compartilhadas de modo que interesses e perspectivas dos participantes podem ser intercambiados e mutuamente conhecidos. Assim, as relações grupais são mantidas e as perspectivas compartilhadas; essas histórias comuns e recordações ao redor da mesa constituem o *esprit de corps* do grupo, provendo a base de uma identificação comum entre os membros comensais (Ana GUGLIELMUCCI; Santiago ÁLVAREZ, 2006).

A comensalidade pode ser revestida de sentido político e este é um aspecto pouco abordado na bibliografia. Uma exceção é a pesquisa realizada por Guglielmucci e Álvarez (2006), na qual é discutido o papel do churrasco – o *asado criollo* – na consolidação de redes de silêncio e cumplicidade na ditadura militar argentina.

Naquele país, no ano de 1976, um grupo de presos políticos foi torturado e, em seguida, levado próximo à localidade de Margarita Belén, na qual foram assassinados por militares. Segundo depoimento de familiares das vítimas, na ocasião o exército alegou que se tratava de uma “tentativa de fuga”, sendo que momentos após o massacre os militares seguiram numa camionete repleta de carne e bebidas para comer um *asado criollo* com aqueles que participaram da execução coletiva.

A cumplicidade que nasce do ato de compartilhar alimentos foi utilizada para selar um pacto de silêncio, tendo em vista garantir a impunidade dos envolvidos. Assim, o *asado* coletivizou a responsabilidade pelo massacre, produzindo uma comensalidade masculina e hierárquica entre políticos, militares e civis. Contudo, os autores não persistem na problematização dos laços de camaradagem masculina que, não por acaso, foram consolidados por meio do churrasco. Utilizando as categorias de Marcel Mauss, Guglielmucci e Álvarez sugerem que o dom oferecido pelos militares na forma do *asado criollo* possuía como contradom esperado o silêncio, em troca da manutenção das lealdades políticas.

No circuito de eventos investigado, a simbologia da *sororidade* representa um ideal de sociabilidade feminina que, junto aos fatores discutidos ao longo do texto, empresta sentido à

²¹ Estavam em jogo entendimentos genderados (*gendered*) conflitantes sobre o “cozinhar bem”, conforme define Carlos Dória (2012, p. 269): “mas cozinhar – especialmente ‘cozinhar bem’ – é saber empenhar o corpo no trabalho culinário cujo resultado é esperado num círculo pequeno de comensais, muito mais do que ‘seguir’ qualquer receita, pois esta jamais substituirá a destreza diante da intenção finalística” (DÓRIA, Carlos. “Flexionando o gênero: a subsunção do feminino no discurso moderno sobre o trabalho culinário”. *Cadernos Pagu*, n. 39, p. 251-271, jul./dez. 2012).

²² Há cerca de 10 anos, o termo *dyke*, que na língua inglesa remete a algo como *sapatão*, era notadamente utilizado na cena de *rock feminista* paulistana. Nesse período, Regina Facchini (2008) notou que o uso do termo parecia “não pressupor uma correlação necessária entre práticas afetivo-sexuais e identidades” (p. 158), ou seja: “ter experiências sexuais com mulheres não faz de alguém uma *dyke*, nem faz com que quem experimenta ou mesmo tem relações casuais com outra mulher deixe de ser considerada *hétero*” (p. 159). Assim como parece acontecer com o uso de *sapatão* como identidade política, entre as minas do rock, o uso de *dyke* estava “associado a comportamentos e/ou aparências tidas convencionalmente como ‘masculinas’” (p. 161), e a “manter uma postura de enfrentamento com os homens, quando se acredita que estes estejam invadindo seu espaço ou cerceando, de alguma forma, a sua expressão”. Considero que a expansão do uso de categorias de automeação como *sapatão*, *sapa* e *caminhão* é, de certo modo, caudatária da cena das minas do rock investigada pela autora entre 2004 e 2007.

comensalidade. Ela é uma referência encontrada em campo de forma recorrente, e está presente, por exemplo, em nomes de bandas. No entendimento nativo, *sororidade* é condição para a *autonomia* frente aos regimes de poder – ora entendidos como *heterossexismo*, *patriarcado*, ou *heteronorma*. Portanto, a despeito da sua construção tradicional da qual fala Suely COSTA (2009), a *sororidade* carrega um sentido próprio que é fruto do conjunto específico de circunstâncias que compõem essa rede, considerando a sua localização entre modalidades ativistas menos institucionalizadas.

Não obstante, o ideal de horizontalidade aí implicado não significa a ausência de conflitos, negociações identitárias e mesmo violência nas relações travadas nesse contexto. A despeito da ênfase numa irmandade entre mulheres presente através dos signos “sororidade” e “soror” (“irmã”, do latim), há também a busca das ativistas por problematizar relações de poder internas que vão de encontro à noção de uma solidariedade automática sugerida pelo termo. Assim, iniciativas como debates sobre “violência entre mulheres” figuravam em algumas das programações de eventos e em conteúdo de fanzines, indicando a complexidade dessas relações e certo reconhecimento das diferenças e desigualdades internas ao grupo.²³

Considerações finais

De modo geral, com a presente investigação pretendeu-se contribuir para a compreensão da tendência contemporânea de adjetivação do feminismo. Ao discutir aspectos relacionados à produção, consumo e circulação de alimentos produzidos a partir da interdição de produtos de origem animal, busquei apontar para as formas de contestação de convenções de gênero e sexualidade postas em ação no campo etnográfico. Ao pontuar como a alimentação pode constituir um aspecto significativo na produção de diferenças no interior desse campo, buscou-se assinalar não só a pluralidade do feminismo como também do vegetarianismo.

Na visão de Sidney MINTZ (2001, p. 32), “comer é uma atividade humana central não só por sua frequência, constante e necessária, mas também porque cedo se torna a esfera onde se permite alguma escolha”. Na medida em que a comida “entra” em cada ser humano, a intuição de que se é de alguma maneira substanciado – “encarnado” – a partir da comida que se ingere, pode carregar consigo uma espécie de carga moral. Nossos corpos podem ser considerados o resultado, o produto de nosso caráter que, por sua vez, é revelado pela maneira como comemos (Sidney MINTZ, 2001).

No contexto investigado, essa dinâmica de produção de identidade e diferença por meio do que se come ganha força em função do lugar de centralidade atribuído ao corpo, mobilizado pela resignificação ou aprofundamento do lema “o pessoal é político”.²⁴ Assim, se a estratégia feminista de “política do privado” permanece como referencial, ela parece ter como alvo novas áreas da vida ou, ao menos, sua politização parece se dar de forma qualitativamente distinta. Aqui, o corpo é evocado não apenas como um meio que instrumentaliza fins; antes, ele é em si, e desde já, bandeira política (CARMO, 2016).

Reconhecendo que o corpo tem historicamente se apresentado como um articulador usual no movimento feminista, é relevante considerar suas particularidades quando se apresentam nas expressões feministas contemporâneas. Como notado por Gomes e Sorj (2014), e reforçado pela presente pesquisa, o corpo tem sido politizado nos discursos e protestos feministas contemporâneos para além do campo dos direitos sexuais e reprodutivos. Enquanto um artefato político central no protesto feminista contemporâneo, ele opera não só como um veículo na transmissão de mensagens, mas como a própria mensagem; meio e fim se confundem.

Tal dinâmica de politização do privado é estendida à relação interespecie, politizando as fronteiras corporais e desembocando no enfoque sobre a alimentação e a contestação da construção de corpos comestíveis. Assim, *machismo*, *lesbofobia*, *especismo*, *patriarcado*, *sexismo*, *heterocapitalismo*, *heterossexismo* ou *heteronorma* denotam as relações de força que interpelam e constroem corpos humanos e não humanos de forma hierárquica, e contra as quais os eventos são erigidos. São termos mobilizados através de uma leitura nativa do debate sobre interseccionalidade, segundo a qual é preciso nomear e criar categorias para visibilizar opressões – mesmo que isso implique uma cadeia extensa de termos concatenados e nem sempre inteligíveis a um público mais amplo. Portanto, não se trata puramente da adoção de uma dieta vegana por

²³ Em pesquisa entre as *minas do rock*, Regina Facchini (2011, p. 133-134) destacou o pioneirismo da oficina “Consenso sexual para jovens lésbicas”, “um trabalho de intervenção com relação à violência no interior de relações homoafetivas entre mulheres”, realizada no Ladyfest Brasil, afirmando que “foi o trabalho mais consistente e de maior alcance em relação ao tema que já pude observar no cenário dos movimentos sociais brasileiros” (FACCHINI, Regina. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as *minas do rock* em São Paulo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 36, p. 117-153, jan./jun. 2011).

²⁴ A expressão foi cunhada em 1970 pela estadunidense Carol Hanisch e desde então tem historicamente carregado sentidos diversos (HANISCH, Carol. *The personal is political: the Women's Liberation Movement Classic with a new explanatory introduction*. Disponível em <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PI.html>. Acesso em 08/11/2016).

parte de ativistas feministas, mas da ressignificação do veganismo e do vegetarianismo enquanto expressões de um fazer político feminista voltado à politização das subjetividades e do cotidiano.

Referências

ADAMS, Carol. *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. 1. ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. "Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro". *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 3, p. 465-474, 2008.

ALVAREZ, Sonia. "Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista". *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 13-56, jan./jul. 2014a.

ALVAREZ, Sonia. "Engajamentos ambivalentes, efeitos paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento". *Revista Feminismos*, v. 2, n. 1, p. 57-77, 2014b.

APPADURAI, Arjun. "Gastro-politics in Hindu South Asia". *American Ethnologist*, v. 8, n. 3, p. 494-511, 1981. (Symbolism and Cognition)

ARONOVICH, Lola. "Guest Post: Especismo deve ser tema das lutas das mulheres". *Escreva, Lola, Escreva*, 28/07/2011. Disponível em <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/07/guest-post-especismo-deve-ser-tema-das.html>.

AVAKIAN, Arlene Voski; HABER, Barbara. "Feminist food studies: a brief history". In: AVAKIAN, Arlene Voski; HABER, Barbara (org.). *From Betty Crocker to Feminist Food Studies: critical perspectives on women and food*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2005. p. 1-26.

BONETTI, Alinne; FONTOURA, Natália O. "Convenções de gênero em transição no Brasil? Uma análise sobre os dados de família na PNAD 2007". In: CASTRO, Jorge Abrahão de; RIBEIRO, José Aparecido Carlos (org.). *Situação social brasileira: 2007*. Brasília: IPEA, 2009.

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. "Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil". *Nueva Sociedad*, n. 2, p. 4-17, 2015.

CARMO, Íris Nery do. "'Fiz do meu corpo a revolução': gastropolíticas e contestações de gênero, sexualidade e espécie". In: COLLING, Leandro (org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. 1.ed. Salvador: EDUFBA, p. 1-240, 2016.

CAMARGO, Michelle. "Riot Grrrls em São Paulo: estética corporal na construção identitária". In: FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis, UFSC, 2008. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST43/Michelle_Alcantara_Camargo_43.pdf. Acesso em 20/08/2013.

CLARK, Dylan. "The raw and the rotten: punk cuisine". *Ethnology*, v. 43, p. 19-31, 2004.

COSTA, Suely. "Onda, rizoma e 'sororidade' como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX)". *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. "Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil". *Revista Sociedade e Estado*, v. 29, n. 2, p. 433-447, maio/ago. 2014.

GUGLIELMUCCI, Ana; ÁLVAREZ, Santiago. "Los rituales de la impunidad en Argentina: comensalidad y complicidad". In: FONSECA, Claudia; BRITES, Jurema (org.). *Etnografias da participação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 59-75.

KEMPSON, Michelle. "My version of feminism: Subjectivity, DIY and the feminist zine". *Social Movement Studies*, v. 14, n. 4, p. 459-472, 2015.

MACKEY, Robert. "Actress Writes to Putin to Demand VEGAN Meals for Jailed Punk Protesters". *The Lede*, 15/08/2012. Disponível em <https://thelede.blogs.nytimes.com/2012/08/15/actress-writes-to-putin-to-demand-vegan-meals-for-jailed-punk-protesters>. Acesso em 06/11/2012.

MATOS, Marlise. "A quarta onda feminista e o campo crítico-emancipatório das diferenças no Brasil: entre a destraditionalização social e o neoconservadorismo político". 38º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. *Anais...* Caxambu, 2014.

MINTZ, Sidney. "Comida e antropologia: uma breve revisão". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, out. 2001.

PRATEANO, Vanessa. "Feminismo em versão 2.0". Vida e Cidadania, *Gazeta do Povo*, 07/03/2012. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/feminismo-em-versao-20-7erty1v0w36xbkv6yjjyvw1iku/>. Acesso em 29/03/2016.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. "Os feminismos e suas ondas". *Revista Cult*, São Paulo, p. 32-35, dez. 2016. (Dossiê "A quarta onda do feminismo")

SOUZEDO, Thales. "Untitled". In: LIGA JUVENIL ANTI-SEXO. Disponível em <http://catarse.me/pt/liga-juvenil-anti-sexo>. Acesso em 8/03/2012.

TOBIN, Jeffrey. "A performance da masculinidade portenha no churrasco". *Cadernos Pagu*, n. 12, p. 301-329, 1999.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: NUNES, Edson de O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

YATES, Luke. "Rethinking prefiguration: Alternatives, micropolitics and goals in social movements". *Social Movement Studies*, v. 1, n. 14, 2015.

ZINE TOUR 2011, 2011. Atividades. Disponível em <http://zinetour2011.wordpress.com/atividades/>. Acesso em 04/08/2013.

Íris Nery do Carmo (irisnery@hotmail.com, irisndocarmo@gmail.com) é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com período sanduíche na University of Massachusetts (Estados Unidos). Tem como interesses de pesquisa movimentos sociais, feminismos contemporâneos, ativismos e novos sujeitos políticos.

COMO CITAR ESSE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

CARMO, Íris Nery do. "Mulheres, negritude e a construção de uma modernidade transnacional". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, e44021, 2019.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção, coleta de dados, análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados e realização de entrevistas.

FINANCIAMENTO

A pesquisa que deu lugar ao artigo foi financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 04/04/2016

Reapresentado em 15/03/2018

Reapresentado em 13/04/2018 com novo título

Aprovado em 17/04/2018

